

## **PROPOSTA FILOSÓFICO-GRAMATICAL DE ENSINO DO NOME SUBSTANTIVO**

*Antonio Cilírio da Silva Neto* (UFT)

[acilirio@bol.com.br](mailto:acilirio@bol.com.br)

*Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira* (UFT)

[luizpeel@uft.edu.br](mailto:luizpeel@uft.edu.br)

### **RESUMO**

Neste artigo apresentamos uma proposta de ensino sobre o “nome substantivo”, para alunos em fase de aquisição de leitura e escrita, os quais se encontram em um período de obtenção do conhecimento de conceitos e classificações; portanto, em processo de descoberta de representações do mundo por meio da língua e da linguagem. Sabemos que, tradicionalmente, ensina-se a classificar as palavras em classes, em substantivo, adjetivo, numeral, artigo, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição, o que foi um legado da tradição dos estudos gramaticais. Para tentar reverter esse processo de ensino, discutiremos a importância de o professor compreender os encaminhamentos teóricos que se entrelaçam no ensino do nome substantivo com as considerações linguísticas e filosóficas que estreitam a relação do falante com a língua e a experiência de manipular e aplicar sua normatividade de maneira significativa.

#### **Palavras-chave:**

Normatividade. Ensino de Substantivo. Língua e Linguagem. Filosofia da Linguagem.

### ***1. Considerações iniciais***

O principal intuito deste artigo é refletir e trazer uma proposta de ensino sobre “nome substantivo” para alunos em fase de aquisição de leitura e escrita, os quais se encontram em um período de obtenção do conhecimento de conceitos e classificações; portanto, em processo de descoberta de representações do mundo por meio da língua e da linguagem. No que diz respeito ao ensino das classes gramaticais, e também em relação ao nome (substantivo), é procedimento da escola, propiciar que os alunos façam relações e associações dos nomes com figuras, objetos, animais, coisas em geral etc. Segundo Campos (2014), na escola, trabalha-se com

(...) formas, cores, dimensões, quantidades, posição relativa, usos de objetos, constituição física e corporal de animais variados, porque a percepção desses objetos é necessária para a formação de noções e conceitos nas várias áreas do conhecimento. (CAMPOS, 2014, p. 67)

No estudo da língua portuguesa, a partir da alfabetização, os alunos entram em contato com uma série de classificações que irão orientá-los no uso da língua escrita, como, por exemplo, a distinção entre letras maiúsculas e minúsculas nas palavras e nos textos, a ordem em que o alfabeto é apresentado, a confecção de listas e o dicionário, a divisão de sílabas das palavras e a posição da sílaba tônica, o aprendizado da acentuação gráfica, o ensino de classes de palavras etc. Esse ensino deve levar em conta a experiência já adquirida pelos alunos, cujo objetivo não é memorizar e repetir a nomenclatura gramatical que pode não ser compreensível. Segundo Campos, as palavras são estudadas para que os alunos se familiarizem com elas e observem algumas de suas propriedades no funcionamento da língua, e passem a atribuir nomes a essas classes, a partir da necessidade de dar nomes às coisas que passamos a conhecer (2014, p. 68).

## **2. Proposta de ensino sobre substantivo**

Quando se elabora material didático como proposta de ensino sobre nome (substantivo) e sobre sua concordância, para crianças do 5º ano do ensino fundamental, é preciso seguir as pesquisas desenvolvidas por linguistas e gramáticos relacionadas ao ensino e ao uso de aspectos da morfologia, da sintaxe, da semântica e da pragmática, além dos estudos filosóficos da linguagem.

Para Campos (2014), os alunos, desde a alfabetização, já entram em contato com a noção de nome, nomes concretos como o dos colegas, dos objetos, dos animais, dos brinquedos, dos alimentos e do material escolar, que são frequentemente utilizados para as atividades de leitura e escrita de textos; nomes próprios e comuns, em que são utilizadas letras maiúsculas e minúsculas, na escrita de seus próprios nomes, no da escola, da cidade e do país.

Segundo o mesmo autor (2014), os conteúdos dos critérios morfológico, sintático e semântico não podem ser transformados em conteúdos de aprendizagem em que os alunos precisem decorar terminologias, como se fosse importante identificá-los, o importante é que os alunos tenham uma boa compreensão de como fazer comparações entre as palavras, porque uma das finalidades do estudo das classes de palavras, e seu foco principal, “é desenvolver a capacidade de reconhecer as semelhanças e diferenças de comportamento que existem entre grupo de palavras, com o objetivo de

compreender melhor o uso que se pode fazer delas” (CAMPOS, 2014, p. 70), para posterior nomeação.

Uma das formas de fazer os alunos apreenderem as classes de palavras, para uma efetiva comunicação verbal, é a compreensão da língua portuguesa como mediação a partir do que o aluno já sabe, propiciando “dados linguísticos e condições para refletir, observando o uso, comparando palavras e frases entre si, levantando hipóteses, verificando sua validade, generalizando e tirando conclusões” (CAMPOS, 2014, p. 70).

De fato, em aulas de língua, o interesse recai sobre atividades que proporcionem aos alunos melhor capacidade de escutarem, captando o essencial de uma mensagem, identificando o fio de uma exposição; o fundamental é desenvolver as suas percepções, tanto na leitura quanto na escrita, proporcionando a capacidade de exprimirem as coisas vivenciadas por eles, suas experiências autênticas, seus sentimentos, seus pensamentos e suas volições (FERRAZ, 2007, p. 45).

### **3. *Práticas de ensino do nome (substantivo)***

Em concordância com os princípios de Ferraz (2007), nós escolhemos o texto “Convite”, de Paulo Paes, para exemplificar o que propomos. As escolhas atendem a proposta de um ensino caracterizado pelo prazer, haja vista que a poesia é uma produção de estética prazerosa. Além disso, a representação do universo da criança é presente nas poesias e, em razão disso, o texto foi concebido como recurso de importante significância para o ensino de língua materna, pois as poesias, ao valorizarem o universo, o imaginário da criança, representam um ensino que valoriza o conhecimento adquirido do aluno como ponto de partida, como forma de ampliação e como modo de reconhecimento. Que criança que não se reconhece no brinquedo?

CONVITE  
Poesia  
é brincar com palavras  
como se brinca  
com bola, papagaio, pião.  
Só que  
bola, papagaio, pião  
de tanto brincar  
se gastam.  
As palavras não:

quanto mais se brinca  
com elas  
mais novas ficam,  
como a água do rio  
que é água sempre nova,  
como cada dia  
que é sempre um novo dia.  
Vamos brincar de poesia? (José Paulo Paes<sup>158</sup>)

Para o estudo da poesia, propomos que o professor faça a introdução com um convite para a leitura. Fazendo uso dos princípios hermenêuticos de Gadamer, é interessante que o professor explore as sensações que a palavra “convite” provoque como forma de antecipação e com a intenção de conhecer os pré-conceitos e os pré-juízos que o aluno tenha em relação ao tema, antes do contato com o texto. Além disso, a exploração do convite deve ser usada como forma de envolver os alunos para a leitura e para outras atividades relacionadas a ela. Inicialmente propomos uma leitura silenciosa e posteriormente uma compartilhada dos textos.

Segundo Gadamer, a arte possui horizontes próprios; consequentemente, para nós, o texto também é constituído de horizontes próprios, de tradição própria e de conceitos e juízos. Daí, o jogo começa sempre a partir do contato do leitor com o texto, em que há o delineamento da imagem por meio de pré-compreensão do todo a partir da primeira parte que é percebida. Nesse contexto, o professor deve ter ciência de que os pré-conceitos e os pré-juízos do aluno estão sendo delineados pelos horizontes e pela tradição própria do texto e por seus conceitos e juízos. O professor deve ter clareza de que o aluno faz, igualmente sempre, uma pré-compreensão de todo poema a partir da primeira parte do que vê. O professor deve levar o aluno a reconhecer as percepções que ele realiza em contato com o poema. Essas percepções podem ser feitas com atividades orais e/ou escritas.

A leitura que o aluno faz do poema deve levá-lo a reconhecer que a “linguagem tem função exclusiva de representar o mundo” (WITTGENSTEIN, 1994), tomando cuidado para não afirmar que essa representação é sempre analógica e transcendental; nesta proposta, esse reconhecimento pode ser feito por meio do jogo através da leitura numa perspectiva histórica do aluno. Essa leitura permite que o aluno faça inferências das suas vivências a cada verso do texto. Para Gadamer, a leitura sob a perspectiva

---

<sup>158</sup> Fonte: [portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula](http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula). Acesso: 20/12/2017.

histórica do leitor faz com que ele tome consciência de si e abra-se ao texto. O entendimento do texto faz com que o aluno se deixe levar pelo jogo. Por conseguinte, o aluno chega à compreensão de todo o texto, por meio da retomada de cada verso.

Como parte da dinâmica circular dos fundamentos teóricos de Gadamer, a interpretação acontece na explicitação da compreensão das assimilações, das inferências, das reflexões que são realizadas do poema para o outro, ou seja, quando há socialização, compartilhamento social das compreensões dos entendimentos. Os jogos de linguagem devem levar o aluno a construir suas interpretações.

A leitura, como uma ação decodificadora de signos, não é capaz por si só de garantir ao aluno a aquisição de competências para as assimilações, para as inferências, para as reflexões e para os entendimentos do texto. Uma vez que ler não é só soletrar e pronunciar uma palavra após outra; mas, principalmente, realizar o movimento hermenêutico constante que é comandado pela expectativa de sentido do todo, e que é preenchido, a partir de cada parte individual, finalmente, na elaboração significativa do todo (GADAMER, 1985 p. 49-50).

O jogo proposto por Gadamer exige uma série de comandos e de agenciamentos. Sendo assim, são necessários jogos de linguagem como ações elementares para o viver lúdico e autêntico, explicitados por Saes como ações de comandar e de agir segundo gerências; de descrever um objeto conforme a aparência ou conforme medidas; de produzir um objeto segundo uma descrição (desenho); de relatar um acontecimento; de conjecturar sobre o acontecimento; de expor uma hipótese e prová-la; de apresentar os resultados de um experimento por meio de tabelas e diagramas; de ler e de representar como no teatro; de cantar uma cantiga de roda; de resolver enigmas; de fazer uma anedota; de contar; de resolver um problema de cálculo aplicado; de traduzir de uma língua para outra; de pedir; de agradecer; de maldizer; de saudar; de orar etc. (2013, p. 53-4).

A proposição de jogo de Gadamer, exposta por Saes, apresenta relevantes ações de exploração do texto para o ensino de língua materna. Por considerarmos a importância e a valorização da proposta do filósofo alemão, propomos uma série de atividades/comandos para que esse ensino ocorra de maneira profícuca.

Depois das atividades de antecipações feitas na exploração da palavra “convite” e depois das leituras silenciosas e em voz alta, nós sugerimos atividades com questões de compreensão que levem os alunos a construir o conceito de “nome”, como as que seguem nos itens transcritos abaixo, a título de exemplo:

- No texto há palavras que designam nomes de objetos e coisas. Que palavras são essas? (espera-se que os alunos identifiquem as palavras: convite, poesia, palavras, bola, papagaio, pião, água, rio e dia).

- Dentre os objetos e as coisas designadas pelas palavras do texto, quais são as que você mais usa? (possivelmente, todas as coisas e objetos serão citados pelos alunos, pois são comuns para a maioria deles; o interesse da questão é levar posteriormente o aluno a reconhecer que ele faz uso corriqueiro do nome dos objetos, coisas, seres etc.).

- O que são bola, papagaio e pião? E que sentido a palavra poesia pode ter no texto? Que relação há entre as palavras bola, papagaio e pião com a palavra poesia? (espera-se que os alunos apontem bola, papagaio e pião como brinquedo – é importante registrar que pode haver assimilação da palavra papagaio como designação de animal, cabendo ao professor explorar a relação da palavra com o contexto do texto e com a semântica das outras palavras que com ela tem relação).

- Numa discussão mais ampla, esse possível registro oportuniza o estudo das variações linguísticas, porque o nome papagaio em certas regiões do país não designa pipa, enquanto que em outras sim; espera-se, ainda, que os alunos reconheçam que o nome poesia, no poema, possui forte relação com as palavras bola, papagaio e pião, pois o nome poesia remete ao sentido de brinquedo.

- O texto apresenta comparações. Que elementos são comparados? E que relações marcam as comparações?

- Propor que o aluno faça uma relação de nome, de seres, de objetos, coisas, sentimentos, lugares que fazem parte do seu cotidiano. Estimular que o aluno relacione um grande número de nomes que marque os seus diversos espaços (casa, escola, igreja, parque, balneário, zoológico...).

Outras atividades podem ser desenvolvidas com o objetivo de levar o aluno à percepção de que um objeto, um ser, uma coisa ou um fenômeno podem receber diversas designações e, portanto, vários nomes. As posições

e as relações relativas permitem vários nomes para designar uma única coisa; isso faz com que a palavra pessoa não seja suficiente para designar um ser, os seres possuem várias posições e relações, como relações entre pessoas (filhos, pai, mãe, amigos), entre instituições (profissional, estudante, educando) e outras.

Feitas as relações e a partir dos comandos das atividades anteriores, o aluno terá subsídios para construção do seu conceito de “nome”. O professor pode conduzir o processo, retomando o conhecimento construído pelo aluno. Essa condução pode ser feita com inferências e/ou indagações de forma oral e posteriormente escrita, ou invertendo o processo, desde que leve o aluno às assimilações necessárias. Dessa forma, perguntar aos alunos se há algum elemento da lista que não possua identificação leva a conclusão de que tudo que existe no mundo tem nome.

Na condução do aluno para construção do seu conceito de nome, é pontual fazer as seguintes perguntas: O que os nomes representam? O que os nomes identificam? O que os nomes designam? Quando o aluno responder que os nomes representam, identificam ou designam o nome dos seres, dos objetos, dos sentimentos, das coisas ou dos fenômenos, ele estará construindo seu próprio conceito.

Construído esse conceito, o professor pode aprofundar o estudo de substantivo. O início desse aprofundamento é proposto na apresentação dos conceitos de nome instituídos na língua materna. Para tanto, é significativo que o professor oportunize a reflexão do aluno tanto a partir dos conceitos instituídos pelos linguistas, quanto a partir dos conceitos construídos pelo educando. Com isso, o aluno poderá identificar no outro as assimilações e aplicações pessoais que realizou, é o encontrar-se no outro.

A reflexão do conceito de nome deve ser feita pelo aluno em todas as atividades de estudo dessa classe gramatical (também é necessário estudar o conceito de nome no ensino de adjetivo e de artigo), e não apenas numa determinada atividade. Gadamer, na sua teoria sobre a interpretação, propõe o retorno como dinâmica elementar do jogo da aprendizagem. Não se pode conceber o ensino de uma classe gramatical como o nome em um número determinado de aulas, como acontece em vários universos educacionais, nos quais o estudo dos nomes é planejado e desenvolvido em curto período de tempo, sem que se leve em consideração a consolidação da sua aprendizagem. Esse ensino deve ser colocado como um programa de aprendizagem e não como um programa de aulas dadas.

Nesse sentido, Ferraz afirma que a escola deve criar situações de aprendizagem que permitam ao aluno tomar consciência das estruturas da língua e sistematizá-las, descobrindo as suas regularidades, apropriando-se delas progressivamente (2007, p. 42).

Levar o educando a refletir sobre as implicações das classes gramaticais, a partir do seu contexto, da sua vivência, é importante para o ensino, mas apenas essas ações não são suficientes para abranger a complexidade dos constituintes e das instâncias dessas classes. Para tanto, são necessárias outras atividades que explorem as características e as especificidades que determinam o número, singular e plural, representados pelos nomes.



Como exemplo dessas atividades, apresentamos uma charge e as perguntas que devem ser feitas aos alunos após a leitura:

Fonte: [www.veredasdalngua.blogspot.com.br](http://www.veredasdalngua.blogspot.com.br). Acesso: 20/01/2018.

- Como são conhecidas as estórias de pescadores?
- Os personagens e alguns nomes do texto ajudam a construir as ideias que configuram as estórias de pescador. Que nomes são esses? Retire-os.
  - Quanto ao grau, por que esses nomes ajudam a construir essa ideia? Ou seja, qual a relação que essas palavras têm com as estórias de pescador?
  - Reescreva o texto colocando os nomes no grau normal e diminutivo.



- Faça uma lista de nomes presentes no seu cotidiano que possuem grau normal, aumentativo e diminutivo e veja os sentidos que elas apresentam.

Com esta atividade, o professor pode explorar o sentido que os nomes ‘peixão’, ‘bocarra’, ‘homenzarrão’ e ‘rapagão’ ajudam a construir no texto, haja vista que é esperado que aluno, ao responder “como são conhecidas as estórias de pescadores?”, afirme que são conhecidas como estórias mentirosas. Em diversos contextos, o exagero é identificado como estória de pescador. Assim, o aluno, conduzido pelo professor, relaciona o conhecimento de mundo à representação dessas palavras. O aluno deve perceber que é o grau aumentativo que provoca o exagero presente no texto e é a representação do conhecimento de mundo que instituiu as estórias de pescador como inverdades.

#### **4. Considerações finais**

As atividades propostas não encerram o ensino da classe de palavras “substantivos”, isso porque são amplas e complexas as suas constituições, assim como os processos de ensino e de aprendizagem. Nesse sentido, Campos defende que na reflexão que se faz sobre o uso da língua(gem), o importante “é a troca de ideias entre os alunos, as considerações interpretativas que eles fazem sobre as palavras, as tentativas de explicar, à sua maneira, o que percebem e nunca a preocupação de estabelecer uma resposta igual para todos e a que todos devem chegar” (2014, p. 86). Isso significa reconhecer que nem sempre a aprendizagem acontece como o esperado.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CAMPOS, Elísia Paixão de. *Por um novo ensino de gramática: orientações didáticas e sugestões de atividades*. Goiânia: Cãnone, 2014.

FERRAZ, Maria José. *Ensino da Língua Materna*. Lisboa, Portugal: Caminho, 2007.

GADAMER, Hans-Georg. *A Atualidade do Belo: a arte como jogo, símbolo e festa*. Trad. de Celeste Aida Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

\_\_\_\_\_. *Hermenêutica em retrospectiva*. 2. ed. Trad. de Marco Antônio

Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. *De Piaget a Freud: para uma clínica do aprender*. 16. ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SAES, S. F. de. *A linguagem*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013

VIGOTSKY, Lev Semenovitch. *A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Michael Cole et al. (Org.); José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche (tradução). 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*, §§ 23, 241 e 244. Trad. de José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Col. Os Pensadores.)

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Petrópolis – RJ: Vozes Editora, 1994.